



## O LEITE DERRAMADO E O CHICOTE FLORENTINO: MEMÓRIA E AUTORITARISMO EM UM ROMANCE DE CHICO BUARQUE

Gabriel Cordeiro dos Santos Lima<sup>1</sup>

**RESUMO** – O presente artigo busca identificar e interpretar a presença da ditadura militar brasileira no romance *Leite Derramado*, de Chico Buarque. Para tal, enfoca as passagens da narrativa em que o período é trazido à tona, dedicando-se também a uma análise de aspectos-chave da obra, como sua forma de memória, sua estrutura fragmentária, a posição de sua voz narrativa e a constituição de seu enredo. Assim, associa-se a maneira como Chico figura literariamente o impacto do golpe de 1964 (e sobretudo da repressão pós-1969) a um trabalho de luto que, todavia, o próprio autor demonstra ser difícil de levar a cabo. Não obstante, partindo da comparação com outros romances importantes da tradição literária brasileira, procura-se demonstrar como **Leite Derramado** vincula o narrador-protagonista Eulálio, sua família e a própria ditadura, a um certo tipo de violência patriarcal e escravocrata que permeia nossa sociedade desde suas origens coloniais. Com isso, o artigo objetiva oferecer elementos para reinterpretar o romance de Chico, repensando o período ditatorial e seus ecos no momento contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leite Derramado, Chico Buarque, Literatura Contemporânea, Ditadura Militar

**ABSTRACT** – The current article seeks to identify and interpret the presence of the Brazilian military dictatorship in the novel *Leite Derramado*, by Chico Buarque. To this end, we focus on the passages of the narrative in which the period is brought to the fore, also considering key aspects of the work, such as its form of memory, its fragmentary structure, the position of its narrative voice and the constitution of its plot. Thus, we relate the way in which Chico figures the impact of the 1964 coup (and above all post-1969 repression) to a task of mourning, which, however, the author himself proves to be difficult to carry out. Nevertheless, starting from the comparison with other important novels of the Brazilian literary tradition, we try to demonstrate how **Leite Derramado** links the narrator-protagonist Eulálio, his family and the dictatorship itself, to a certain type of patriarchal and slave-like violence that permeates our society since their colonial origins. With this, the article aims to offer elements to reinterpret the novel of Chico, rethinking the dictatorial period and its echoes in the contemporary moment.

**KEYWORDS** – Leite Derramado, Chico Buarque, Contemporary Literature, Military Dictatorship



O melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão

Machado de Assis

### Introdução

**Leite Derramado** (2009), de Chico Buarque, conta a saga da fictícia família carioca D'Assumpção pelo ângulo de um dos seus membros, o narrador-protagonista Eulálio. Deitado em uma cama de hospital em estado quase moribundo, o centenário personagem desfia pelas páginas do romance um desconexo rosário de lembranças que alcança os próceres de sua estirpe até o período joanino. Assim, é dada ao leitor a tarefa de rearmar o percurso de uma genealogia que se confunde com a história nacional, desde um trisavô que “desembarcou no Brasil com a corte portuguesa” e foi “confidente de Dona Maria Louca” (BUARQUE, 2009, p. 50); passando por um bisavô traficante de escravos, “feito Barão por D. Pedro I” (BUARQUE, 2009, p. 78); por um avô latifundiário, “figurão do Império” (BUARQUE, 2009, p. 15) e grão-maçom; chegando a um pai, “político importante” e “íntimo de presidentes” (BUARQUE, 2009, p. 52) na época do café-com-leite. Do “tempo do Rei”<sup>1</sup> à Primeira República, ficamos sabendo que a linhagem acumulou notoriedades nos mais diversos regimes.

Descobrimos porém que, chegando o século XX, as coisas começaram a mudar.

<sup>1</sup> A frase “era no tempo do Rei” (1997, p. 9), referente ao período joanino, abre o romance **Memórias de um sargento de milícias** (1853), de Manuel Antônio de Almeida.

Tragicamente, o pai de Eulálio foi assassinado em circunstâncias mal esclarecidas, entre crime passionai comedido por um marido traído e vingança política. Perdido em meio às fantasias homossexuais que nutria em relação a Balbino – menino negro, filho de escravo –, o (então jovem) narrador conheceu a garota Matilde e se apaixonou por sua “pele quase castanha” (BUARQUE, 2009, p. 20). Descontada a antipatia da mãe do protagonista, não só o casamento aconteceu, como se descobriu que a noiva era filha de um membro do partido de oposição, ainda por cima gerada em uma aventura extraconjugal “lá para as bandas da Bahia” (BUARQUE, 2009, p. 73).

Seguimos pela prosa retrospectiva de Chico, percebendo que nada disso abalou o talento da nobre família D'Assumpção para o nepotismo, que garantiu a Eulálio um belo emprego na empresa de artilharia francesa Le Creusot & Cie. Logo, no entanto, lemos sobre como o ciúme masculino teria precipitado a infelicidade conjugal em episódios insinuantes nos quais Matilde dança o maxixe com um engenheiro francês e o samba com ... o mesmo Balbino dos desejos de puberdade. Nesses momentos, a tensão dramática se eleva, chegando a um ápice no momento em que, tomado de fúria, Eulálio destrói a vitrola da esposa aos chutes.

Como muito do que acontece no romance, o destino de Matilde é pouco claro – não nos é dado saber se ela fugiu com um amante, se engravidou de mais alguém ou se morreu em um acidente de



carro, como (suspeitosamente) afirma o marido enciumado a sua filha Maria Eulália. Em todo caso, o fim do casamento é um dos principais fatores a despenhar o palavrório do narrador sobre o metafórico leite derramado matrimonial que dá título ao livro - e que joga com o literal leite materno que Matilde verte durante a amamentação em mais de um episódio. A descendente - moral, social, política e espacial - que daí se segue empresta ao romance parte da sua força realista: em última instância, a desgraça de Eulálio é a desgraça do seu sangue que, atrelado à história brasileira, parece se associar a uma certa sina coletiva.

No encadeamento narrativo, outro episódio fundamental a esse respeito é o estabelecimento da ditadura militar. A essa altura dos fatos históricos, os tempos gloriosos do clã D'Assumpção já são parte do passado: tendo vendido o casarão onde morava com Matilde, Eulálio vive em um apartamento com a filha e penhora imóveis herdados para quitar "dívidas colossais" (BUARQUE, 2009, p. 125). O próprio cenário do Rio de Janeiro já aparece bastante modificado: a área onde a fazenda da família outrora "dava espetáculo" "tinha sido ocupada por indústrias, e algumas favelas já infestavam a redondeza" (BUARQUE, 2009, p. 79). *Mutatis mutandis*, o narrador se dedica à criação do neto seu homônimo, fruto da relação entre Maria Eulália e o empresário trambiqueiro Amerigo Palumba, que largou a moça depois de lhe tomar parte dos bens.

Apesar da pouca saúde, a criança se mostra inteligente e conquista o amor do avô. Lemos: "O garoto não largava os

livros de História, enchia a mãe de orgulho com as notas do boletim. Enfronhado em política desde cedo, chegou ao ginásio em condições de discutir de igual para igual com seus professores a situação periclitante do país" (BUARQUE, 2009, p. 126). Vem, contudo, mais um golpe duro no porte aristocrático da família: Eulalinho se torna comunista.

O narrador bem tenta relativizar o choque: "Que seja, falei comigo. Se vier o comunismo, Eulálio D'Assumpção Palumba chegará provavelmente a algum bureau político, a um conselho de ministros, se não ao comitê central do partido". Mas a história é cruel: "em vez do comunismo, veio a Revolução Militar de 1964" (BUARQUE, 2009, p. 126).

Daí em diante, o que se passa é uma sucessão de desgraças familiares. Primeiro, o jovem decididamente subversivo escolhe partir para a luta armada. Um belo dia, diz seu avô:

sete agentes da polícia invadiram nosso apartamento, vasculharam tudo, sacolejaram Maria Eulália, perguntaram por um tal de Pablo, e eu lhes disse que havia um equívoco, o garoto era um Assunção de boa cepa. Ainda lhes apontei o retrato do meu avô na moldura dourada, mas um brutamontes me deu um tapa na orelha e me mandou enfiar o avô no cu (BUARQUE, 2009, p. 127).

Um período depois, o narrador conta como foi à cadeia buscar seu mais novo descendente: o filho do neto já morto com uma "comparsa que pariu na prisão" (BUARQUE, 2009, p. 127). Se o que está aqui cronologicamente ordenado é literariamente apresentado na forma de



uma nebulosa massa de pensamentos, a recordação da ida ao cárcere é a senha para a entrada do romance em uma espécie de *looping* delirante, no qual o narrador confunde o bisneto com seu neto, todos Eulálíos, que teriam sido mortos pela ditadura e deixado herdeiros nos porões. A frase “Esse Eulalinho criei como se fosse um filho” (BUARQUE, 2009, p. 127) se repete por duas vezes até o fim do capítulo, que termina cortando de volta para a moldura narrativa, com o protagonista hospitalizado, dizendo a uma enfermeira: “Mexa-se, não fique aí me vendo agonizar, pelo menos me dê minha morfina” (BUARQUE, 2009, p. 127).

As memórias das páginas seguintes ajudam a esclarecer o trecho: o rebento de Eulalinho – aliás, negro –, na verdade cresceu, se revelou um sedutor e morreu em um motel. Antes, porém, engravidou uma prima, que deixou o filho, que se tornaria traficante de drogas, na porta do narrador. Já Maria Eulália, sem perspectiva nem esperança, buscou conforto em uma Igreja. Após enfartar em uma estranha noitada regada a cocaína com o trineto e sua namorada, Eulálio fecha o ciclo romanesco em seu leito de morte, onde o devaneio começou.

À primeira vista, a ditadura militar não aparece em *Leite Derramado* de forma tão central quanto em outras obras contemporâneas, como *K – Relato de uma Busca* (2011) de Bernardo Kucinski, ou *A Resistência* (2015) de Julián Fuks. Como o presente artigo gostaria de demonstrar, porém, uma leitura atenta do romance de Chico não só revela que o golpe de 1964 é uma das peripécias decisivas de sua intriga

narrativa, como também é, enquanto trauma, um fator decisivo para a (des)estruturação de sua forma. Assim, elevada a princípio de composição, a memória do autoritarismo parece não somente evocar o tema da ditadura, como apreender em profundidade o significado histórico desta, menos enquanto ruptura de uma ordem democrática do que enquanto continuidade de um certo *modus operandi* social, tipicamente brasileiro, que permeia a anamnese do narrador da primeira à última página do romance, do primeiro ao último membro de sua árvore genealógica.

Em outras palavras, a alta voltagem de *Leite Derramado* - aquilo que Theodor Adorno chamava de “conteúdo de verdade” (ADORNO, 2015, p. 378) [*gehalt*] da literatura – estaria em um certo sentido de *continuum* histórico entre os primórdios do país e o choque de 1964, captado pelas e cristalizado nas estilhaçadas recordações de um personagem cuja importante família soube, como ninguém, usar o autoritarismo enquanto instrumento. Daí também a sensação de *déjà-vu* que atravessa o texto, como a sugerir que algo da ditadura sempre *estive* aí e continua *estando*.

### Memórias do autoritarismo

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar tantas coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto (BUARQUE, 2009, p. 41).



A passagem acima abre o terceiro capítulo de **Leite Derramado**. Ao crítico que se debruce sobre o romance, é inevitável proceder como Eulálio lhe proíbe e reordenar seu tresvario. A tarefa, no entanto, não é fácil, nem poderia ser: levado a sério o que diz o próprio narrador, o caráter espedaçado de suas memórias faz parte de uma arquitetura textual premeditada. Chico poderia rearranjar as coisas, mas prefere respeitar sua própria criação ficcional e deixar tudo como está, em uma relação de cumplicidade entre autor e voz narrativa.

Também por isso resulta difícil saber o que é ou não verdade no relato, ziguezagueante, por vezes truncado e constantemente vazado pelas idiossincrasias de Eulálio. O personagem vai e volta, pede suas enfermeiras em casamento, lhes oferece casas já vendidas, confunde parentes e mente sem pudor mais de uma vez. Como corretamente notou Augusto Massi, o aspecto verossímil do que se lê é relativizado “por uma espécie de quimioterapia da imaginação. Quando o tumor do real cresce de forma acelerada, ele [Chico] sabe combatê-lo com doses bem administradas de delírio” (MASSI, 2009).

Vale, pois, refletir sobre os significados dessa estratégia fragmentária que, longe de ser novidade, possui largos antecedentes. Escrevendo sobre o romance posterior à Primeira Guerra Mundial, por exemplo, Eric Auerbach já identificava nos discursos indiretos-livres e nos monólogos de Virginia Woolf uma saída para a representação de uma “Europa demasiado

rica em massas de pensamentos e em formas de vida descompensadas, insegura e grávida de desastre” (AUERBACH, 2004, p. 496). De maneira similar, em uma conhecida palestra<sup>2</sup>, Adorno associou a queda da perspectiva estável da prosa oitocentista à crise histórica do entreguerras. Para o filósofo, o que havia se desintegrado era “a identidade da experiência, a vida articulada e em si mesma contínua, que só a postura do narrador permite” (ADORNO, 2015, p. 56). Assim, associada ao projeto de sociedade burguesa que desmoronava, a voz narrativa onisciente se tornava um alvo fácil ao início do século XX.

Mas se o protesto da literatura europeia contra a linguagem discursiva floresceu no solo da catástrofe histórica, qual seria a *raison d'être* do fracionamento estrutural no romance de Chico, pertencente a uma sociedade e a uma época muito diversas?

A própria forma de *Leite Derramado* sugere algumas hipóteses a esse respeito. Ao final do capítulo sete, por exemplo, há outro momento em que a desatinada exposição do narrador alcança os anos 1960. Alucinando falar com a filha, Eulálio passa a (tentar) contar a história do seu já mencionado neto, assassinado pela repressão. Diz ele:

Agora imagine a sua avó o que diria, neta casada com filho de imigrante e

<sup>2</sup> Ver: ADORNO, Theodor. “Standort des Erzählers im Zeitgenössischen Roman” (1954) / “Posição do Narrador no Romance Contemporâneo”. Em: *Noten zur Literatur I* (1958) / *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Almeida. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2012.



bisneto comunista da linha chinesa. Esse seu filho engravidou outra comunista, que teve um filho na cadeia e na cadeia morreu. Você diz que ele próprio morreu nas mãos da polícia, e com efeito tenho vaga lembrança de tal assunto. Mas lembrança de velho não é confiável, e agora estou seguro de ter visto o garotão Eulálio ainda outro dia, forte toda a vida (BUARQUE, 2009, p. 38).

O narrador, então, segue dando mais elementos para questionar sua confiabilidade:

Ele até me deu uma caixa de charutos, mas que besteira a minha, o que morreu era outro Eulálio, um que parecia o Amerigo Palumba mais magro. O Eulálio magro é que virou comunista, porque já nasceu na cadeia e dizem que teve um desmame precoce. Daí fumava maconha, batia nas professoras, foi expulso de todas as escolas. Mas mesmo semianalfabeto e piromaníaco, arrumou trabalho e prosperou, outro dia me deu uma caixa de charutos (BUARQUE, 2009, p. 38 e 39).

Novamente, aqui está Eulálio confundindo sua descendência. Não obstante, a trapalhada acontece durante a recordação do que se sucedeu nos anos de chumbo. Sempre que o narrador se lembra do período, seu relato se embaralha, suas informações se cruzam e o fio da meada acaba se perdendo. Daí também que o capítulo sete termine com a frase: “minha cabeça às vezes fica meio embolada” (BUARQUE, 2009, p. 39).

Ora, se Walter Benjamin, em conhecido texto, recordava a forma como os combatentes da Primeira Guerra voltavam

afásicos das trincheiras<sup>3</sup>, Chico parece sugerir uma certa dificuldade de contar a vida sob a batuta da linha-dura brasileira. De fato, quando o período é focado por Eulálio, ao contrário do que ocorre em relação às cenas do casamento com Matilde, quase não há ação: apenas um amontoado de fatos breves que a própria voz narrativa faz questão de colocar em xeque, se autodesmentido a cada vírgula. Não seria exagero, aliás, dizer que foi essa dificuldade de representar que marcou outras narrativas fragmentárias dos anos 1970, como *Reflexos do Baile* (1976) de Antônio Callado ou *Zero* (1974) de Ignácio Loyola Brandão.

Seguindo a mesma pista, seria tentador vincular esse impasse da enunciação ao tratamento dado ao problema do luto pela psicanálise. Idelber Avelar, em seu estudo sobre “a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina” (AVELAR, 2003), o fez ao analisar uma série de obras literárias dos anos 1980, associando-as a uma tentativa de formalizar a experiência da perda (das pessoas assassinadas, dos direitos políticos, dos governos progressistas destituídos). Partindo da clássica definição freudiana - segundo a qual o luto seria um processo de superação, com a transferência da libido do objeto ausente a outrem<sup>4</sup> - o crítico entende a

<sup>3</sup> Ver: BENJAMIN, Walter. “Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Leskovs” (1936) / “O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. Em: *Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas - Vol. I* (1985). Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2012.

<sup>4</sup> Ver: FREUD, Sigmund. *Trauer und Melancholie* (1917) / *Luto e Melancolia*.



atitude narrativa como parte de um esforço de elaboração do trauma, em momento no qual essa mesma atitude chegou a impasses. Diz ele:

O luto e a narração, inclusive ao nível mais óbvio, seriam coextensivos: levar a cabo o trabalho de luto pressupõe, sobretudo, a capacidade de contar uma história sobre o passado. E, de maneira inversa, só ignorando a necessidade do luto, só reprimindo-a num esquecimento neurótico, é que poderíamos contentar-nos com narrar, armar um relato a mais, sem confrontar a decadência epocal da arte de narrar, a crise da transmissibilidade da experiência (AVELAR, 2003, p. 32).

Nessa chave, a presença recorrente da ditadura nas memórias de **Leite Derramado** faria parte de uma tentativa de processar o violento baque representado pela mesma no imaginário coletivo - baque análogo, em sentido, ao que foi o morticínio do início do século XX para os primeiros modernistas. Prostrado pela perda da mulher, da honra familiar, da saúde financeira, da saúde física e, finalmente, dos seus herdeiros, Eulálio revelaria a dificuldade do luto (isto é, da superação do trauma), encarando a crise da narrativa e a crise da experiência a um só tempo, traduzindo ambas em uma instabilidade da fatura literária, expressa na forma alquebrada do romance. O desaparecimento forçado por razões políticas e o impacto do totalitarismo, este cristalizado na dimensão metafórica da arte, seriam questões ainda não resolvidas e

difíceis de resolver. Com efeito, em recente obra a respeito da representação do período militar na literatura contemporânea, Eurídice Figueiredo demonstrou claramente que “o trabalho de elaboração do trauma da ditadura continua” (FIGUEIREDO, 2017, p. 30).

Apenas cabe ressaltar que, no que se refere a **Leite Derramado**, isso não explica tudo. Afinal, diversamente do que se poderia dizer de alguns dos romances estudados por Eurídice (notadamente *K – relato de uma busca*), Chico não apresenta, em hipótese alguma, um enlutado clássico. Longe disso, Eulálio evoca a memória dos netos (inclusive o que foi assassinado) com um descaso bastante particular. É mesmo capaz de tratar com trivialidade um episódio tão macabro quanto a busca, na prisão, do filho de um perseguido político executado; ou a morte de uma mulher grávida encarcerada. Idem, sente-se à vontade em atribuir o suposto analfabetismo de um jovem a um nascimento em circunstâncias tenebrosas (sabe-se lá quais), absolvendo-lhe logo em seguida por ter se enjeitado, prosperado e lhe comprado uma caixa de charutos. Isto é, nove fora o problema do luto a realizar, *Leite Derramado* formaliza o trauma do período ditatorial através de uma personalidade moral que, à diferença do que ocorre em outras ficções do século XXI, não oferece identificação possível.

Dito de outro modo: Chico acusou o golpe, dando evidências, em nível de forma e conteúdo, que o choque de 1964 persiste no inconsciente coletivo. Mas, como veremos a seguir, o fez a partir de uma ótica literária cujas especificidades pedem



considerações detidas – tão mais porque dão ao romance parte de sua potência.

#### Autoritarismo das memórias

Quando **Leite Derramado** foi publicado em 2009, a crítica, da esquerda à direita, foi praticamente unânime em associar o romance a uma certa tradição da literatura brasileira, mais especificamente aquela de matriz machadiana. O reconto da história familiar através das recordações de um personagem da elite evocava as **Memórias póstumas de Brás Cubas**; a derrocada matrimonial e a personagem feminina popular sugeriam analogias entre Matilde e Capitu; a mal disfarçada amoralidade de Eulálio, com seu racismo patricio e seu ciúme doentio, insinuava comparações com Bentinho. Daí que Roberto Schwarz tenha dito que “os amigos de Machado notarão o paralelo com Dom Casmurro” (SCHWARZ, 2012, p. 143), enquanto Carlos Graieb tenha considerado *Leite Derramado* uma “oferenda (...) no altar de Machado de Assis” (GRAIEB, 2009)<sup>5</sup>.

Nada disso é incorreto, exceto, talvez, o juízo de valor de Graieb, para quem “Machado apontou mazelas concretas de seu tempo”, enquanto “Chico Buarque, ao contrário, não fala de como o racismo, o sexismo, a corrupção ou o esbulho das

coisas públicas se manifestam no Brasil contemporâneo” (GRAIEB, 2009). Seria interessante pensar o argumento ao avesso, pois talvez seja justo a representação, por assim dizer, machadiana, que faz de *Leite Derramado* um desvelador mordaz de aspectos da vida social atual. Nessa perspectiva, a ressonância de **Dom Casmurro** – ou, principalmente, das **Memórias póstumas** (...) – em Chico, seria indicativa não de passadismo literário, mas de uma percepção de que, do fim do século XIX para cá, o Brasil mudou menos do que se gostaria; de tal modo que, ao recorrer à forma romanesca representativa do pretérito, o autor do século XXI pode ainda extrair dela atualidade.

A título de comparação, lembremos o personagem de Cotrim, cunhado de Brás Cubas no romance de Machado: homem de caráter “ferozmente honrado” (ASSIS, 1998, p. 150), membro de irmandades e pai de família amoroso, caracteriza-se também pela selvageria com que malha seus escravos, os quais descem do calabouço “a escorrer sangue” (ASSIS, 1998, p. 150). Por trás de uma normalidade pública de fachada, o personagem assim preserva os traços mais grotescos da brutalidade colonial, aliás relativizados por Brás, o narrador condescendente, ilustre ex-estudante de Coimbra sempre disposto a perdoar a desumanidade do parente que “poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém” (ASSIS, 1998, p. 150). Isto é, os favorecidos, em Machado, escondem sob o véu da ilustração e do bom convívio a violência mais grosseira, como metáfora do Brasil independente, pleno de elites cultivadoras das modernas

<sup>5</sup> No que diz respeito às associações entre Chico e Machado, muitos textos poderiam ser mencionados. Ver, por exemplo: MORAES, Reinaldo. “Memórias quase póstumas de Chico Buarque”. Em: *Jornal do Brasil Online*. 28/03/2009 e RUY, José Carlos. “Com quantas Capitus se faz uma literatura?”. Em: *Portal Vermelho*, 22/05/2009.





boas modas europeias, ao mesmo tempo em que tributárias de um sistema assentado na exploração arcaica.

A respeito desse descompasso, Roberto Schwarz notaria:

A convivência dos ricos diz respeito à conservação de relacionamentos coloniais no contexto da nação independente, em contradição com o princípio do individualismo liberal. (...) Digamos então que a ironia da prosa se constitui através da referência transatlântica sistematizada. A definição de seu território não pode ser localista, nem aliás universalista, pois a relação “anômala” entre norma burguesa e anedota configura uma cor definitivamente nacional (SCHWARZ, 2012, p. 129).

Ora bem, justo essa informalidade, essa inadequação – bizarra e, sobretudo, característica – parece permear o tecido narrativo de **Leite Derramado**. A própria violência racial percorre a família D’Assunção de ponta a ponta, desde o bisavô escravocrata, prestigiado pelo Imperador, que “pagava altos tributos à Coroa pelo comércio de mão-de-obra de Moçambique” (BUARQUE, 2009, p. 78); passando pelo avô retratado como abolicionista, mas que na verdade só “queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África” (BUARQUE, 2009, p. 15).

Nesse sentido, tampouco surpreende que Eulálio, cujo nome abre portas no colégio D. Pedro, seja um racista contumaz. Sua presunção de superioridade étnica pode ser vista em momentos de escárnio, como aquele em que diz aos seus colegas de hospital: “Muitos de vocês

senão todos aqui, têm ascendentes escravos, por isso afirmo com orgulho que meu avô foi um grande benfeitor da raça negra” (BUARQUE, 2009, p. 50); mas também se manifesta de formas mais agressivas, como quando o personagem se revolta com seus cuidadores, ameaça chamar seu pai para açoitá-los e dispara: “pensando bem, papai não gastaria seu chicote histórico com um bando de cascagrossas. Papai vai simplesmente pô-los no olho da rua, e esse será o pior flagelo para vocês, que emprego igual não hão de encontrar em lugar nenhum” (BUARQUE, 2009, p. 103).

Passagens como essa, aparentemente didáticas no denunciamento da alta sociedade podre, seriam facilmente desqualificáveis como transcrições machadianas em sentido fraco. Mas são na verdade bastante emblemáticas da atualidade buarquiana: se bem evocam imagens do castigo físico, extraídas do imaginário abolicionista em uma associação que parece algo gasta, recordam também outros móveis – incrivelmente hodiernos – do racismo estrutural, como a simples ameaça do desemprego em uma sociedade que, mesmo revogada a servidão, jamais integrou suas populações empobrecidas. Desse modo, a facilidade com que Eulálio passa da chibata ao assédio moral reascende o assunto da bestialidade escravocrata em chave desconfortavelmente contemporânea.

O mesmo, quiçá, vale para a voluptuosa relação do narrador com sua ex-mulher Matilde. Se o corajoso amor por uma jovem mestiça – da parte de um neto de latifundiários – parece um sinal de caráter,



Eulálio jamais renuncia ao autoritarismo patriarcal, cuja violência de gênero se mistura à de raça e à de classe. Ouvimos da boca do próprio:

[Matilde] tinha mania de ir para a cozinha. Volta e meia levava a criança à cozinha, dava conversa às empregadas, era vezeira em almoçar ali com a babá. Então me vi tomado de um sentimento obscuro, entre a vergonha e a raiva de gostar de uma mulher que vive na cozinha (BUARQUE, 2009, p. 66).

Não é bem coincidência, portanto, que o fim do casamento se precipite após uma cena em que a moça dança um ritmo popular (o samba) com um escravo. Menos ainda, que o referido fim seja obnubilado pela falta de informação – cuidadosamente elidida? – da parte do narrador. Na sugestão de Eurídice Figueiredo, “As cenas de erotismo e violência escondem provavelmente aquilo que foi censurado, o assassinato da mulher amada, mulher adúltera talvez, mulher inferior e mulata da qual ele se envergonha” (FIGUEIREDO, 2010, p. 229). Só seria possível deixar de enxergar atualidade no quadro se pressupostos como solucionados os problemas do machismo, do racismo e do preconceito de classe no Brasil atual – o que, por sua vez, significaria total alienação.

A bem da verdade, a perpetuação de uma violência ancestral talvez seja, ela própria, o mote de *Leite Derramado*, presente dos galanteios às enfermeiras aos comentários sobre a cor da pele dos policiais, do ufanismo em relação ao passado ilustre às ofensas ao zelador “cabeça-chata” (BUARQUE, 2009, p. 151).

A novidade é que tudo, agora, mistura-se em um cenário caótico onde borbulham guetos, prédios modernistas, jogadores de futebol, meninas com *piercing* no umbigo, igrejas estranhas e televisões ligadas no máximo. Nos dizeres de Schwarz, “É como se o presente continuasse a informalidade do passado patriarcal, multiplicando-a por mil, dando-lhe a escala das massas, para melhor ou para pior” (SCHWARZ, 2012, p. 150).

Por sua vez, no meio desse turbilhão, entre ontem e hoje, a ditadura militar faz justamente as vezes de elo. É sua repressão que exclui do romance o primeiro Eulálio aparentemente esclarecido, estudioso e interessado em política desde uma perspectiva coletiva – ao contrário de seus parentes, todos meros fisiológicos habilidosos. O que seria da família D’Assunção – ou do país – se ao invés do golpe de 1964 tivesse vindo o comunismo, como presumia o narrador?

O leitor do romance jamais saberá. O regime autoritário, afinal, tutela a narrativa, impedindo o curso em direção à mudança, relegando o Eulálio pai a uma vida medíocre em meio a um punhado de fantasmas empobrecidos, com seus consanguíneos capturados pela fraude financeira, pelo tráfico de drogas e pelas religiões de desesperados. Da escravidão, a tônica do romance passa às várias facetas da delinquência (empresarial, nepotista, charlatã).

Seria interessante, nesse sentido, pensar a violência da ditadura não como uma novidade inaugurada pelo golpe, mas na chave do que propôs Roberto Schwarz no final dos anos 1970. Sintetizando



brevemente, na ocasião, o crítico brasileiro debruçava-se sobre o histórico texto **Dialética da Malandragem** (1970) de Antonio Candido, dedicado ao romance **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida. Para Candido, as trapaças levadas a cabo pelos personagens da narrativa (notadamente pelo protagonista Leonardinho) pareciam figurar o funcionamento do setor inorgânico da sociedade brasileira de inícios do século XIX - homens livres pobres, trabalhadores informais, desempregados, bandidos, etc. -, regendo-se por um peculiar trânsito entre a ordem e a desordem, em uma espécie de “mundo sem culpa” (CANDIDO, 1970, p. 84). Não sendo escravos nem proprietários, os tipos sociais em questão seriam de fato *habitués* das informalidades e trapaças, fazendo destas verdadeiros meios de subsistência.

Por outro lado, a narrativa de Manuel Antônio também apresentava a figura do Major Vidigal, perseguidor implacável dos farristas, desocupados e espertalhões em geral, os quais costumava atirar à prisão a partir de critérios bastante pessoais<sup>6</sup>. Daí que, transpondo a questão para o período

pós-promulgação do Ato Institucional número 5, Schwarz se perguntasse: “a repressão desencadeada a partir de 1969 – com seus interesses clandestinos em faixa própria, sem definição de responsabilidades (...) – não participava ela também da dialética de ordem e desordem?” (SCHWARZ, 2002, p. 154). Isto é, a dupla ausência de trabalho e formalidade legal, que avalizava a malandragem - e também, já podemos acrescentar, o uso arbitrário da lei, o tratamento racista, o emprego por indicação familiar, o comércio ilícito, o golpe financeiro, a violência doméstica - não permitia também o desaparecimento sumário de opositores do regime militar? Poder-se-ia ir além: não seriam, todas essas, sintomas e formas de uma mesma opressão constitutiva e estruturante do funcionamento socioeconômico brasileiro; profundamente inorgânico, fundado no patriarcalismo escravista e dependente de mecanismos de violência extraoficiais, sempre prontos a incidir sobre as mulheres, os negros e os pobres – isto é, sobre aqueles mesmos sujeitos que nossa sociedade jamais integrou?

O romance de Chico convida a pensar que sim. E é bastante significativa, a esse respeito, a cena em que os militares invadem o apartamento dos D’Assumpção em busca do seu primogênito subversivo. No episódio, após estapear Eulálio e ofender seus nobres antepassados, um oficial começa a revirar os arquivos da parentela. Diz o narrador: “Esse ignorante espalhou no chão meu acervo de fotos, e nem me adiantaria protestar quando

<sup>6</sup> No texto “Espírito rixoso: para uma reinterpretação das Memórias de um sargento de milícias” (2007), Edu Ostuka chamou atenção para a personalidade com que o Major Vidigal parecia atuar. No início, por exemplo, este passa a perseguir o malandro Leonardinho, que escapara da sua primeira tentativa de enviá-lo ao cárcere. Transformando o cumprimento da lei em desejo de vingança, Vidigal chega mesmo a temer que o *trickster* brasileiro se torne uma pessoa correta. Diz o Major “se ele se emenda, perco eu a minha vingança”. Diz Edu: “Como se vê, o próprio funcionamento da oscilação entre o lícito e o ilícito está subordinado ao problema da rixa pessoal” (OTSUKA, 2007, p. 109).



confiscou o chicote florentino” (BUARQUE, 2009, p. 127).

O objeto em questão – uma chibata de origens italianas, instrumento de tortura medieval com verniz renascentista – é um símbolo literário por excelência. Se Lukács, analisando a descrição do cetro do Rei Agamenon na *Ilíada*, exaltava a forma como “Ao invés de uma reprodução da imagem do cetro, Homero nos conta a história dele” (“Primeiro, foi trabalhado por Vulcano; depois, brilhou nas mãos de Júpiter”, etc (LUKÁCS, 2009, p. 73)), Chico, analogamente, conta o trajeto histórico do chicote da família D’Assumpção. Mas ao fazê-lo, conta também a história do Brasil.

Eulálio nos diz, pois, que o artefato pertenceu a seu tetravô que o comprara em Florença “com o intuito de fustigar jesuítas” (BUARQUE, 2009, p. 103); a seu trisavô que “quando não estava prestando ouvidos à rainha louca, subia ao convés para dar lições a marujo indolente” (BUARQUE, 2009, p. 102 e 103); a seu bisavô cujo vergão das chicotadas nas costas dos escravos “ficava para sempre” (BUARQUE, 2009, p. 102); a seu avô que “batia mais pelo estalo que pelo suplício” (BUARQUE, 2009, p. 102); e, finalmente, a seu pai, que guardava o objeto “atrás da enciclopédia Larousse” (BUARQUE, 2009, p. 102).

Um apetrecho de flagelo que passa como uma tocha pela mão de gerações de sádicos patriarcais, modernizadores do país ao mesmo tempo em que perpetradores de uma violência imemorial: o fato de que, em *Leite Derramado*, tal item seja transmitido aos ditadores de 1964, algozes do primeiro

membro da família D’Assumpção que ousou se insurgir contra o estado de coisas, dá o que pensar.

### Considerações finais

Perguntado acerca do que resta da ditadura na sociedade brasileira atual, o psicanalista Tales Ab’Sáber cunhou uma resposta célebre: “tudo menos a ditadura, é claro” (APUD: ARANTES, 2010, p. 205).

A frase bem poderia se referir a dados mais diretamente políticos, como dispositivos constitucionais para garantia de lei e ordem<sup>7</sup> ou recentes ameaças de intervenção. Em um nível mais complexo, porém, poder-se-ia entender essa reminiscência no âmbito do inconsciente, do que a sociedade brasileira ainda não digeriu e do que Chico, em **Leite Derramado**, tentou formalizar, em processo de luto que ainda marca – e deve marcar por algum tempo – a nossa literatura. Sendo assim, a estrutura da memória, confusa e fragmentária, sedimentação artística de uma experiência histórica em crise bem como de um trauma não resolvido, sugere sucesso da arquitetura autoral.

Por outro lado, a estratégia irônica de situar a narrativa em uma voz pertencente a um membro da elite brasileira, sem

<sup>7</sup> A passagem refere-se ao decreto 142 da Constituição Brasileira promulgada em 1988, que versa o seguinte: “As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem”.



prejuízo do lugar de fala (do escritor de sucesso, de berço privilegiado), proporciona um duplo triunfo artístico ao captar a sobrevivência da ditadura em sentido profundamente social. Isso porque Eulálio conhece o autoritarismo como ninguém, fiduciário que é dos históricos mecanismos de violência que se precipitaram na forma de um regime em 1964. Desse ponto de vista, **Leite Derramado** traz, também, o potencial incômodo de colocar eventuais leitores desavisados diante do espelho.

A isso tudo, concorre ainda o andamento circular da narrativa, anti-teleológico por excelência, misturador de lembranças, amálgama de elementos machadianos e contemporâneos, repleto de menções à escravidão e ao tratamento preconceituoso dispensado ao porteiro. Chico parece operar em uma espécie de tempo suspenso, como a indicar que a sociedade brasileira jamais avançou, ou avançou retrocedendo. Daí que sua mirada oitocentista, quase unanimemente sinalizada pela crítica, permita navegar com liberdade pela colônia, pela ditadura militar e pelos dias atuais, vislumbrando aspectos da nossa história que gostaríamos de esquecer, mas que, por vezes, vêm à luz de maneiras inusitadas. Por exemplo: discutindo a linguagem política do atual presidente da República - cuja admiração

pelo regime militar é, aliás, pública e notória - o pesquisador Felipe Catalani a associou àquela “desfaçatez de classe’ que Roberto Schwarz viu estilizada no narrador de *Brás Cubas*, que é ‘um show de impudência, em que as provocações se sucedem, numa gama que vai da gracinha à profanação’”. E acrescentou:

Seu aspecto que mistura violência e gracejo, brutalidade sanguinária e piadismo, não é tanto a rigidez do militar ultra disciplinado, mas traz representada em si a conduta própria à classe dominante brasileira desde os tempos de Machado (CATALANI, 2018).

Uma linhagem social, em suma, que parece ter seus antecedentes no século XIX, estilizada em Eulálio e toda sua família, a revelar que a superação das contradições sociais e políticas que mantem esse tipo de personagem relevante na cena cultural é, ainda, uma promessa a cumprir. Pensando assim, as memórias de **Leite Derramado** não teriam retroagido ao ecoar as **Memórias póstumas de Brás Cubas** ou as **Memórias de um sargento de milícias**. Ao contrário, ao fazê-lo, teriam tocado em questões bastante contemporâneas. Ao Brasil, sim, restaria se libertar de certas memórias inconvenientes.





### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, Theodor. “Standort des Erzählers im Zeitgenössischen Roman” (1954) / “Posição do Narrador no Romance Contemporâneo”. Em: **Noten zur Literatur I** (1958) / **Notas de Literatura I**. Tradução: Jorge de Almeida. 2ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

ADORNO, Theodor. **Ästhetische Theorie** (1970) / **Teoria Estética**. Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2015.

ALMEIDA, Manuel Antonio de. **Memórias de um sargento de milícias** (1853). Porto Alegre: L&PM, 1997.

ARANTES, Paulo. “1964, o ano que não terminou”. Em: SAFATLE, Vladimir e TELES, Edson (org.). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas** (1881). São Paulo: Editora Ática, 1998.

AUERBACH, Erich. “Der Braune Strumpf” (1946) / “A Meia Marrom”. Em: **Mimesis – Dargestellte Wirklichkeit in der Abendlaendischen Literatur** (1946) / **Mimesis - A Representação da Realidade na Literatura Ocidental**. Vários Tradutores. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2011.

AVELAR, Idelber. **The Untimely Present: Postdictatorial Latin-American Fiction and the Task of Mourning** (1999) / **Alegoria da Derrota: a Ficção Pós-Ditatorial e o Trabalho do Luto na América Latina**. Tradução: Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BENJAMIN, Walter. “Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Leskows” (1936) / “O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. Em: **Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas - Vol. I** (1985). Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2012.

BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. “Dialética da Malandragem”. Em: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. N. 8, p. 67-89, 1 jun., 1970.

CATALANI, Felipe. “Aspectos ideológicos do bolsonarismo”. Em: *Blog da Boitempo*.

Publicado em 31/10/2018. Disponível online em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/31/aspectos-ideologicos-do-bolsonarismo/>



FIGUEIREDO, Eurídice. “O racismo à brasileira: a escrita da memória em Leite Derramado, de Chico Buarque”. Em: **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FREUD, Sigmund. **Trauer und Melancholie** (1917) / **Luto e Melancolia**. Tradução: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

GRAIEB, Carlos. “O leite derramado de Chico Buarque”. Em: Revista Veja, 1/04/2009.

Disponível online em: [http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit\\_leite\\_veja\\_jeronimo.htm](http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_leite_veja_jeronimo.htm)

LUKÁCS, György. “Erzählen oder Beschreiben?” (1946) / “Narrar ou Descrever?”. Em: **Marxismo e Teoria da Literatura**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MASSI, Augusto. “Pai rico, filho nobre, neto pobre”. Em: Folha de São Paulo, 8/03/2009.

Disponível online em:

[http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit\\_leite\\_Estsp\\_augiusto.htm](http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_leite_Estsp_augiusto.htm)

MORAES, Reinaldo. “Leite Derramado, memórias quase póstumas de Chico Buarque”. Em: Jornal do Brasil Online. 28/03/2009. Disponível online em:

[http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit\\_leite\\_JB\\_reinaldo.htm](http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_leite_JB_reinaldo.htm)

OTSUKA, Edu. “Espírito rixoso: para uma reinterpretação das Memórias de um sargento de milícias”. Em: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. N° 44, p. 105-124, Fevereiro, 2007.

RUY, José Carlos. “Com quantas Capitus se faz uma literatura?”. Em: Portal Vermelho, 22/05/2009. Disponível online em:

[http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit\\_leite\\_verm\\_rui.htm](http://www.chicobuarque.com.br/critica/crit_leite_verm_rui.htm)

SCHWARZ, Roberto. “Cetim laranja sobre fundo escuro”. Em: **Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARZ, Roberto. “Ricos entre si”. Em: **Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo**. 5ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

SCHWARZ, Roberto. “Pressupostos, salvo engano, de ‘dialética da malandragem’” (1987). Em: **Que horas são?** 3ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

**LUMEN ET VIRTUS**  
**REVISTA INTERDISCIPLINAR**  
**DE CULTURA E IMAGEM**

**VOL. X N° 26 DEZEMBRO/2019**  
**ISSN 2177-2789**

---



---

<sup>1</sup> Gabriel Cordeiro dos Santos Lima é Mestre e Doutorando em Letras pela Universidade de São Paulo, tendo realizado estágio de doutorado em Yale University (EUA). Atua nas áreas de: Teoria Literária, Literatura Brasileira e Literatura Latino-Americana.